

## URBAN SKETCHERS E O HEROÍSMO MODERNO

Paulo Henrique Tôrres Valgas  
Instituto Federal Catarinense  
paulo.valgas@ifc.edu.br

**Resumo:** Esse artigo é um recorte da dissertação "*Urban Sketchers* Brasil: memória e sensibilidade nas cidades contemporâneas" e dialoga com os conceitos de História e memória e como esse se aplica à prática do *urban sketching*, mais especificamente do movimento *Urban Sketchers*, fundado em 2008 pelo espanhol Gabi Campanario. O artigo também se propõe a pensar este movimento no sentido do que falou Baudelaire sobre o artista moderno: uma figura a buscar o heroísmo da vida moderna, ou seja, os aspectos cotidianos das cidades, esses sendo o objeto de inspiração para os *urban sketchers*, membros de uma comunidade de desenhistas que engloba todos os continentes e tem seu número de participantes cada vez maior. Assim, finalizando o artigo, são mostrados exemplos de relatos e desenhos produzidos pelos membros do *Urban Sketchers* Brasil, todos esses publicados em plataformas virtuais específicas.

**Palavras-chave:** *Urban Sketchers*, memória, cotidiano.

### 1.1 O QUE É O *URBAN SKETCHERS*?

Em novembro de 2007, o ilustrador e jornalista espanhol Gabi Campanario criou um grupo virtual chamado *Urban Sketches* (USk), cujo propósito era unir pessoas que "amam desenhar as cidades onde vivem e que visitam (...) sempre no local, não por fotos ou pela memória".<sup>1</sup> Em um primeiro momento, a proposta era publicar na rede os desenhos feitos a partir da experiência de sair às ruas para fazer o que se conhece por desenho *in loco* ou "desenho de locação". Os desenhos deveriam ser publicados na página da rede social *Flickr*, sendo advertido que deveria ser fornecido o local do *sketch* e seu contexto ou cenário para objetos, pessoas ou lugares: "encorajamos os membros a escrever histórias com cada *sketch*". Em 2008, Campanario criou um *blog* e chamou-o de "*Urban Sketchers*". Sua intenção era que os leitores pudessem "ver o mundo, um desenho por vez", frase destaque de um manifesto que ele criou para expor suas ideias<sup>2</sup>. A comunidade ganhou visibilidade e inspirou entusiastas do desenho em todo lugar. A missão do USk é aumentar o valor artístico, narrativo e educacional do desenho de

---

<sup>1</sup>"[...] for all sketchers out there who love to draw the cities where they live and visit (...)not from photos or memory." In: <<http://www.urbansketchers.org/p/our-mission.html>> Acesso em: 17 out. 2016.

<sup>2</sup> 1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos. 2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos. 3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar. 4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando. 5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual. 6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos. 7. Nós compartilhamos nossos desenhos on-line. 8. Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

## ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

locação, promovendo sua prática e conectando pessoas ao redor do mundo que desenham onde elas vivem e quando viajam.

O USk espalhou-se pelo mundo e tornou-se uma organização internacional, dividida em grupos nacionais, que também se subdividem em grupos locais, com seus respectivos coordenadores e correspondentes (responsáveis por postar nos *blogs*). Em 2018, o movimento chegou a ter 200 *blogs* regionais, mais de 1000 correspondentes pelo mundo, em mais de 20 países, 170 mil desenhos postados no *Flickr*, 150 mil visualizações no *blog* internacional por mês e 2,5 milhões visitas nele desde a sua fundação, além de 60 mil membros nas páginas USk no *Facebook*. Esses dados têm se desatualizado diariamente, tamanha a produção dos grupos. Entre os participantes, encontram-se desde profissionais das áreas circundantes do desenho, como Arquitetura, *Design* e Artes Visuais, até pessoas que têm o desenho por *hobby*. Anualmente, promovem-se simpósios internacionais para compartilhar experiências, participar de palestras, seminários e oficinas ministradas por educadores profissionais, arquitetos, ilustradores e artistas. Um dos pontos altos desses eventos são as saídas às ruas em grupos para desenhar. Os simpósios vêm acontecendo desde 2010 e já foram sede cidades dos Estados Unidos, Portugal, República Dominicana, Espanha, Brasil, Singapura e Inglaterra. A imagem 1 é uma fotografia compartilhada por Liz Steel, de Sydney, no simpósio de 2014, em Paraty-RJ, e mostra uma das sessões de desenho com participantes sentados no gramado.



Imagem 1: *Sketchers* desenhando durante o V Simpósio Internacional USk em Paraty. Fotografia de Liz Steel. 2014. Disponível em: <<http://paraty2014.urbansketchers.org/>> Acesso em 28 out. 2016.

O USk nasceu no Brasil em 2011 através dos arquitetos Eduardo Bajzek e Juliana Russo e do artista João Pinheiro, os três moradores de São Paulo. No final de 2018 essa comunidade já possuía em torno de 60 correspondentes no *blog* e mais de 8 mil membros no perfil do *Facebook*. O USk Brasil tem realizado encontros nacionais anuais desde 2016, nos mesmos moldes dos simpósios, tendo sido sedes as cidades de Curitiba, São Paulo e Salvador, reunindo em média 200 a 300 pessoas a cada ano.

## 1.2 O *URBAN SKETCHERS* ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

A característica mais latente do movimento é, obviamente, o interesse pelo desenho. Esse artigo se propõe a olhar para o USk no âmbito desse interesse, pensando nas significações pessoais e sociais do ato de desenhar, enxergando a tendência a produzir um registro de memória, mas também elaborando registros cotidianos que não deixam de ser úteis à análise histórica.

Desenhar é a nossa maneira de, a um tempo, captar o transitório, e deixar um vestígio da nossa própria gestualidade - o rasto de algo incontestavelmente corpóreo. porém, é de igual modo a nossa forma de fazer uma pausa quando vamos a passar, imergindo-nos na textura de um mundo espesso de fantasmas e memórias - arquitetônicas, mas não só- mas que, ao mesmo tempo, se apresenta aos nossos olhos como novidade, frescura, plenitude. (ROSENGARTEN, 2012, p. 39)

Esse trecho foi retirado de um texto de Ruth Rosengarten apresentado no II Simpósio Internacional do USk, em Lisboa. Ele trata de especificações do desenho, sobretudo neste movimento: sobre captar realidades, deixar vestígios dela, desenvolver uma individualidade poética, descobrir fantasmas escondidos pelos espaços observados e desfrutar da frescura do olhar, fruto de uma visão demorada sobre algum espaço.

(...) por trás de cada desenho há algo muito mais importante e significativo. Normalmente minha memória é muito ruim... mas quando desenho, parece que gravo tudo: como estava o clima, com quem eu estava, o que eu estava pensando e sentindo, o que me incomodava... E isso é, pra mim, o melhor de desenhar, porque eu sei que quando eu olhar para esse desenho, vou me lembrar de tudo.

Esse relato de Fernanda Vaz de Campos (2013) sobre sua viagem à Praga diz respeito às possibilidades de captar e registrar o cotidiano, as vivências em lugares e tempos distintos e como eles tornam-se suportes da memória através do desenho: “um rapaz jogava uma bolinha no lago e seu cachorro nadava feliz atrás dela, uma senhora sentou-se do meu lado e disse algumas palavras em tcheco [...]”, ela complementa. Essa relação entre memória e cotidiano não é novidade em nosso tempo e é um dos termos-chave para este artigo, que buscará demonstrar a produção dos *sketchers* e de seus relatos contextuais, acrescentando às duas palavras-chave um pensamento sobre a representação das mesmas. Pensando nos aspectos memória e cotidiano no universo do *Urban Sketchers*, vale lembrar da diferença entre memória e História. Para Pierre Nora (1993, p. 9),

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

As obras de arte são, por seu caráter histórico, objetos de memória, mas também o são por seu conteúdo, por serem portadoras de registros de vivências e observações de artistas. A memória é seletiva. Herdada, sofre flutuações de acordo com o momento e é construída. Concilia-se através de negociação entre o individual e o coletivo, vivencia disputas para atingir a posteridade (POLLACK, 1992) e também é silenciosa ou silenciada, compreendendo o dito e o não dito (idem, 1989). É importante lembrar que mesmo que um item do manifesto USk afirme que se faça registros de tempo e lugar, esses não passam ao crivo da História. Trata-se, portanto, de uma sensibilidade poética e

subjetiva, o que aproxima o *Urban Sketchers* da memória e não da História. Mesmo quando os *sketchers* se consideram historiadores, antropólogos ou mesmo arqueólogos, isso se dá no âmbito do metafórico ou do senso comum, distante de uma conceituação correta destas ciências.<sup>3</sup> Pierre Nora (1984) adverte que não podemos confundir memória e história, porque expressam duas dimensões diferentes no tratamento do passado, apesar da aparente sinonímia. Conforme seu pensamento, o olhar do historiador é permanentemente crítico para a memória tomada como construção imaginária e percebida como elaboração simbólica. A memória é a reconstrução do passado no presente vivido, diferenciando-se da história, pois parte de uma relação afetiva com o passado, que tende a mitificá-lo. A memória, portanto, é feita da história vivida e não da história aprendida, mas sempre mantém relação com a afetividade.

Georges Didi-Huberman (2015, p. 25) afirma que “muito antes de a arte ter uma história, as imagens têm tido, têm levado, têm produzido a memória”. Para ele, as imagens são mais carregadas de memória do que de história, pois o tratamento da obra de arte (e aqui inclui-se os *sketches*) deve ser como monumento e não como documento, ou seja, como um registro de um imaginário, como objetos de fins mnemônicos e não documentais, como faria alguém que deseja registrar um fato tal qual aconteceu. Isso, obviamente, não impede a obra de arte de ser considerada uma fonte histórica.

Precisamos evitar de tratar a imagem da obra de arte como um documento, ao invés de monumento. Os métodos da história, em sua grande maioria, não tratam do estatuto da imagem nem da experiência artístico-poética. A história da arte constitui um espaço autônomo no âmbito acadêmico e na atuação prática, cujos objetivos e critérios ultrapassam o de tratamento da obra como "documento de época", o que implica em uma metodologia diferenciada relativamente à do historiador. (MAKOWIECKY, 2015, p. 17)

Ou seja, a arte e os *sketches*, neste caso, são registros de individualidade poética e não de jornalismo histórico. “Ao mesmo tempo em que a obra de arte nos remete à compreensão de um momento histórico, o momento histórico em que a obra de arte foi produzida nos remete a sua compreensão estética” (PETRY, 2011, p. 21). Possibilitando

---

<sup>3</sup>Muitos *sketchers* consideram-se assim de forma alegórica, já que seriam investigadores do cotidiano, desenhistas de monumentos históricos e de diversos grupos sociais. Vale lembrar que a pesquisa da antropóloga Karina Kuschnir, da UFRJ, ou mesmo de pintores viajantes, com propósitos específicos dentro da antropologia e etnografia não estão enquadradas aqui, até porque não consideram sua produção como arte e sim como suporte para o trabalho etnológico/antropológico.

conhecer um passado histórico, isso se dá em um estudo da história das representações e não de um tratamento da obra de arte como um retrato fidedigno de um evento, pois ela porta a experiência do olhar. John Berger aborda esse problema (2005, p. 43-4):

uma fotografia é prova de um encontro entre o evento e o fotógrafo. Um desenho questiona lentamente a aparência de um evento e, ao fazê-lo, nos lembra que as aparências são sempre uma construção com uma história. (Nossa aspiração à objetividade só pode proceder da admissão da subjetividade.) Usamos fotografias tirando-as conosco, em nossas vidas, nossos argumentos, nossas memórias; nós as movemos. Considere que um desenho ou pintura nos obriga a parar e entrar em seu tempo. Uma fotografia é estática porque parou o tempo. Um desenho ou pintura são estáticos porque abrangem o tempo. [...]Desenhar é olhar, examinar o espectro da aparência. Um desenho de uma árvore mostra não uma árvore, mas uma árvore sendo olhada. Considerando que a visão de uma árvore é registrada quase instantaneamente, o exame da visão de uma árvore (uma árvore que está sendo observada) não só leva minutos ou horas em vez de uma fração de segundo, envolve também, deriva de e refere-se a muito anterior experiência de olhar. Dentro do instante da visão de uma árvore é estabelecida uma experiência de vida. É assim que o ato de desenhar recusa o processo de desaparecimentos e propõe a simultaneidade de uma multiplicidade de momentos.<sup>4</sup>

Ele utiliza a expressão “englobar um tempo” porque crê que as paisagens nunca foram exatamente como estão nas pinturas: elas são a junção da densidade por milímetro quadrado de olhar de quem a fez, a densidade por milímetro quadrado de momentos montados (ibidem, p. 44). Tomando como exemplo a “Vista de Delft”, pintada por Veermer, ele justifica sua afirmativa, pois a cena da cidade holandesa nunca existira, em sua concepção, pois seria uma junção de várias cenas construídas pelo desenho, diferente da fotografia que capta tudo instantaneamente, com um clique. Nada disso diminui o significado da arte que representa o cotidiano, mas coloca-a como de fato é, uma representação, fecundada pela imaginação, contexto histórico e repertório

---

<sup>4</sup>“A photographer is evidence of an encounter between event and photographer. A drawing slowly questions an event’s appearance and in so doing reminds us that appearances are always a construction with a history. (Our aspiration towards objectivity can only proceed from the admission of subjectivity.) We use photographs by taking them with us, in our lives, our arguments, our memories; it is we who move them. Whereas a drawing or painting forces us to stop and enter its time. A photograph is static because it has stopped time. A drawing or painting is static because it encompasses time [...] To draw is to look, to examine the spectrum of appearance. A drawing of a tree shows, not a tree, but a tree being-looked-at. Whereas the sight of a tree is registered almost instantaneously, the examination of the sight of a tree (a tree being-looked-at) not only takes minutes or hours instead of a fraction of a second, it also involves, derives from, and refers back to, much previous experience of looking. Within the instant of the sight of a tree is established a life-experience. This is how the act of drawing refuses the process of disappearances and proposes the simultaneity of a multitude of moments”.

intelectual de quem a fez. Teresa Carneiro (2012, p. 12) escreve sobre “o ato de olhar e de se tornar parte daquilo que se vê”, e neste caso, “talvez se possa propor que quem desenha, desenha-se simultaneamente a desenhar, ou pelo menos desenha-se a desenhar o seu olhar sobre o mundo... e neste caso.. já não a coisa desenhada”. Para Berger, a visão específica do fazedor de imagens pode ser reconhecida como parte do registro:

constituiu isto o resultado de uma crescente tomada de consciência da individualidade, acompanhada de uma crescente consciência da história. [...] Nenhuma outra espécie de vestígio ou de texto do passado nos pode dar um testemunho tão directo sobre o mundo que rodeou outras pessoas, noutros tempos. sob este aspecto, as imagens são mais rigorosas e mais ricas que a literatura. esta afirmação não nega a qualidade expressiva ou imaginativa da arte, como se a considerássemos uma mera prova documental; quanto mais imaginativa é a obra, mais profundamente nos permite partilhar da experiência que o artista teve do visível. (1972, p. 14)

Para Degas, era nas realidades *desadornadas* da vida cotidiana e não em narrativas dramáticas, históricas ou mitológicas que se podia encontrar a arte (apud ROSENGARTEN, 2012, p. 30). Como exemplo disso, Ruth Rosengarten ainda afirma que “enquanto a pintura do Renascimento era, preponderantemente, de base textual, passou a haver, em Veneza, um gosto cultural pela observação do particular, pelo saborear do pormenor visual singular” (ibidem, p. 31), tendo a escola veneziana pintado o seu cotidiano. Sobre os séculos XVIII e XIX, Kuschnir (2016, p. 107) destaca o quão revolucionário foi que os enciclopedistas estivessem interessados na cultura material e profissional das pessoas comuns, como artesãos, técnicos e agricultores, assim como em suas relações sociais e de trabalho.

### 1.3 REGISTROS DO COTIDIANO OU O HEROÍSMO MODERNO

A memória, com a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 423). Desde a pré-história, o ser humano buscou formas de evocar e preservar a memória, antes mesmo de pensar em História. A memória esteve em mitos fundadores, listas genealógicas, festas religiosas e comemorativas, anais reais, bibliotecas, monumentos políticos, bélicos ou funerários, poesia, literatura e música,

liturgias religiosas, métodos escolásticos de educação, obituários e culto aos mortos, veneração dos velhos, adoção de calendários especiais e feriados, confecção de moedas, selos, insígnias, medalhas e souvenirs e, finalmente, em museus, fotografias e computadores (LE GOFF, 1990). Todos esses objetos, acrescentando-se a produção artística, tornaram-se suportes das memórias, sejam individuais ou coletivas. Além de registros oficiais, também foram formas de registrar o cotidiano, própria condição humana fundamental conforme Azanha (1994, p. 32). Para Melucci (2004, p. 13):

as experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos.

Esses minúsculos fragmentos são o que os *urban sketchers* procuram no seu cotidiano. E encontrados, são registrados no papel. A partir de então, o sketch torna-se suporte da memória do *sketcher*, que imprime sobre o desenho a sua visão, ponto de vista e sensibilidade. O trivial, então, torna-se importante, e o cotidiano aparece como protagonista em um universo de tantos eventos potencialmente "mais importantes", mas que a subjetividade de cada um elege para ser representado. Para Agnes Heller, a vida cotidiana está no centro do acontecer histórico e seria a própria substância da história (SILVA; SILVA, 2009). O cotidiano é um tema que ganhou destaque recentemente na ciência histórica, possibilitando novas abordagens a historiografia, como observa Marc Bloch (2001, p. 148): “Parece, escrevia Voltaire, que de 1.400 anos para cá não houve nas Gálias senão reis, ministros e generais”. Temas como o cotidiano

Se antes as preocupações dos historiadores se restringiam ao estudo da macropolítica, as resistências miúdas e quase invisíveis do cotidiano passaram, com a Nova História, a ser objeto legítimo de pesquisa, e muitos personagens antes ocultos – porque não participavam diretamente dos aspectos da vida pública – passaram a ter suas vozes e gestos reconstituídos. Mulheres, prisioneiros, loucos, marginais e muitos outros 'esquecidos' podiam enfim ter sua história contada [...] intensificaram-se os estudos de temas como a família, o papel da disciplina, as mulheres e os significados dos gestos cotidianos. (SILVA; SILVA, 2009, p. 76)



Mesmo assim, é possível encontrar fontes materiais registrando o cotidiano e os costumes desde a Antiguidade - Jacques Le Goff (1979) cita Heródoto, no Egito; Tácito, em Roma; e Marco Polo, na China. Dentro da História da Arte isso não é diferente: das cavernas às pirâmides, casas de patrícios do Império Romano, tapeçarias medievais, o cotidiano camponês de Bruegel, Rubens e Vermeer, a boêmia de Caravaggio e as deliciosas tardes de Watteau e Fragonard, os por do sóis, as festas galantes, os trens e ferrovias, as bailarinas ensaiando, as tardes em parques e as noites nos cabarés dos impressionistas, os patriarcas e seus escravos no Rio de Janeiro de Debret, assim como as ruas catarinenses de Victor Meirelles.

Charles Baudelaire (1821-1867) escreveu “O pintor da vida moderna” entre 1863 e 1868, questionando a nostalgia dos seus contemporâneos e defendendo a importância do presente, dos aspectos da vida moderna e do quanto de beleza poderia ser encontrado neles. Mesmo que elogie quadros e textos antigos, o poeta francês afirma que seria um erro negligenciar “a beleza particular, a beleza de circunstâncias e a pintura de costumes: “o passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para os quais ele era o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico” (2006, p. 851). O mesmo ocorreria com o presente, ou seja, não representá-lo seria negligenciar aquilo que, para as próximas gerações, se tornaria o passado. Em 1845, ele já se queixara dos pintores desatentos ao presente:

não obstante, o heroísmo da vida moderna nos rodeia e nos pressiona [...] Não faltam assuntos, nem cores, para fazer epopeias. O pintor que procuramos será aquele capaz de extrair da vida de hoje sua qualidade épica, fazendo-nos sentir como somos grandiosos e poéticos em nossas gravatas e botas de couro legítimo. (1965, p. 31-2 apud BERMAN, 1986, p. 138)

O heroísmo, para Baudelaire, não era mais mitológico ou cívico, tal como se proliferou no início do século XIX, mas encontrava-se no andar cotidiano da vida metropolitana. Ele destaca o artista Contantin Guys (1802-1892), referindo-se a ele como um “homem do mundo”, apaixonado por viagens e muito cosmopolita, chegando a publicar em um jornal inglês os croquis de suas viagens (2006, p. 855). A curiosidade, para Baudelaire, pode ser considerada como ponto de partida do gênio artístico e é o que leva o artista às ruas, unida a sua paixão pela cidade, que forma uma só vontade. Guys, com essas qualidades, “buscou por toda parte a beleza passageira e fugaz da vida

presente, o caráter daquilo que o leitor nos permitiu chamar de Modernidade” (ibidem, p. 881). Baudelaire acreditou que “uma arte que não se disponha a *épouser* (desposar) as vidas de homens e mulheres na multidão não merecerá ser chamada propriamente de arte moderna” (apud BERMAN, 1986, p.167). O artista deveria portar-se ante seu modelo, sem preocupações outras, como um convalescente, para usar o termo baudelairiano, pessoa que goza da “faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais”. Esse interesse o levaria a diversos lugares. Baudelaire (2006, p. 858) também escreve:

E ele sai! E observa fluir o rio da vitalidade, tão majestoso e brilhante. Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida nas capitais, harmonia tão providencialmente mantida no tumulto da liberdade humana. Contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelo sopros do sol. Admira as belas carruagens, os garbosos cavalos, a limpeza reluzente dos lacaios, a destreza dos criados, o andar das mulheres onduladas, as belas crianças, felizes por viverem e estarem bem vestidas; resumindo, a vida universal.

A confiança de Baudelaire, à época, era de que futuramente esses temas e suas presenças na Arte e na Literatura seriam objeto de fruição e informação. Não é o artista relacionando-se com o passado, mas com seu próprio presente. “Esse atual que será passado, conservará o sabor do fantasma, recuperando a luz e o movimento da vida, tornando-se presente” (idem, p. 852). Assim, pode-se traçar um paralelo ao que Baudelaire aconselhava, ao que Guys produzia e ao que os *urban sketchers* se propõe a fazer hoje: o que os une é o interesse pela trivialidade do cotidiano.

#### 1.4 EXEMPLOS NO UNIVERSO USK

A partir de agora, serão mostrados tanto relatos quanto desenhos dos *urban sketchers* que podem ser analisados a partir dos referenciais teóricos até então abordados. São registros de memórias vivenciadas, afetivas, curiosas, exploratórias, memórias estas acontecidas nas ruas, nas casas, em ambientes públicos e em viagens. O que as une é a possibilidade do desenho de ser suporte para esses registros.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>Nas plataformas virtuais do *USk* existem muitos desenhos sem relatos ou informações sobre seus contextos, apenas indicando o local. Os desenhos apresentados aqui serão aqueles que relatam suas circunstâncias.

Flávio Ricardo (2014) afirma: “Não consigo imaginar melhor maneira de registrar locais, coisas ou eventos pelos quais eu passo sem que seja através do desenho”. Ele encontra em tal prática uma possibilidade de “rememorar de forma muito mais intensa” o contato com o mundo que o cerca, “aprofundado pela observação atenta que o desenho exige”. Marina Grechnik (apud CAMPANARIO, 2012, p. 212), por sua vez, afirma: “Minha forma de observar coisas e salvá-las em minha memória é desenhando-as”. Para Campanario (2012, p. 18) “os *sketches* trazem de volta memórias de uma forma que as fotos não fazem, evocando os sons, cheiros e lembranças dos lugares onde foram criados”. Pete Scully, de Davis, Estados Unidos, preocupa-se com sua própria memória: “eu desenho para lembrar onde estou no mundo; um dia, eu posso esquecer. Fazer *sketches*, para mim, é o ato de recordar um local para sempre, então nos anos que virão, eu terei uma recordação visual de onde (e possivelmente de quem) eu era” (ibidem, p. 46). Na mesma perspectiva, Shiho Nakaza, de Los Angeles, afirma que “o propósito do *sketch* é lembrar o que eu vejo da minha própria maneira” (ibidem, p. 48), destacando o caráter memorativo e subjetivo do desenho. O depoimento de Ejersbo (ibidem, p. 167) também ressalta essas possibilidades do desenho:

Eu gosto de observar e registrar as coisas ao meu redor e das quais eu sou parte, e fazendo *sketches* é uma maneira de experimentar e compartilhar minha apreciação da vida. Uma das coisas que eu gosto no *urban sketching* são as muitas camadas presentes em todo lugar, a história e diferentes funções inerentes nos prédios e espaços, as muitas vidas vividas a cada momento, interagindo com outra ou passando despercebidas bem debaixo dos narizes das outras pessoas.

João Catarino, de Lisboa (ibidem, p. 120), afirma que “fazer *sketches* é também uma maneira de documentar e compartilhar nossas vidas. O francês Lapin afirma: “minha memória está fixada nas páginas do meu *sketchbook*” (ibidem, p. 126). “Todos os meus *sketches* tem uma qualidade narrativa. Eles são fragmentos de histórias”, diz Gary Amaro, de São Francisco (ibidem, p. 40). “Eu vejo a cidade como um cenário da vida humana, e é isso o que eu tento mostrar nos meus *sketches*”, afirma Luis Ruiz, de Málaga (ibidem, p. 112).<sup>6</sup> Qualquer cena é digna de um desenho, conforme

---

<sup>6</sup>As traduções foram feitas livremente: “My way to observe things and to save them in my memory is to draw them.” (Grechnik), “The sketches bring back memories in a way photos don’t, evoking the sounds, smells, and recollections of the places in which you created them.” (Campanario), “I sketch to remember

Campanario (2012, p. 23), pois este tem a habilidade de elevar o mais pitoresco local em algo digno de ser visto e refletido. João Pinheiro (2014) escreve que recorta “o cotidiano, desenhando paredes descascadas, pintadas de limo, casas mal acabadas, estacionamentos vazios, motéis baratos, postes, comércios de toda sorte, bares, cafeterias” e o que mais surgir. Essa ideia se assemelha à declaração de Vianna (2013), que acredita ser preciso um outro tipo de olhar para "croquisar" a rua, “não um ‘olhar-dispositivo-de-segurança’ utilizado como sobrevivência, mas um olhar ‘labiríntico’ e atento”, que brinque de desmontar o quebra-cabeça urbano e captar detalhes nunca antes observados. Ele acredita que um *sketch* é uma crônica gráfica, pois captura o pequeno e breve movimento de um instante. O paulista Diocir (2011) afirma que gosta de desenhar desde criança e que desenha tudo que o cerca, chamando sua produção de “recortes da realidade”. O cotidiano foi a temática explorada em aulas de José Clewton (2015), na Praça do Cruzeiro, Vila de Ponta Negra, núcleo surgido em uma vila de pescadores.:

Durante a atividade, registrei alguns aspectos do cotidiano deste espaço, de onde podemos apreender, a partir dos desenhos, cenas "comuns", como o esperar o ônibus - sentado ou em pé - debaixo da sombra de uma árvore [...]; a presença das vendas - do botequim ao supermercado; os carros dividindo espaço com os pedestres; e, como um significativo registro, a própria presença dos "sketchers", "compondo" esta cena urbana.

Flávio Ricardo (2016)<sup>7</sup>desenhou uma rua em um fim de tarde de domingo, mostrando uma Kombi, uma caminhonete sendo lavada e crianças que brincavam com bola ou bicicletas. Ele considera, por tudo isso, a mais viva rua desse bairro antigo. Thaís Machado (2016)<sup>8</sup>relata o 40º Encontro USk no Rio de Janeiro (imagem 3):

---

*where I am in the world; one day, I might forget. Urban sketching, for me, is the act of recording a place forever, so that in years to come, I'll have a visual record of where (and possibly who) I was" (Scully), "The purpose of sketching is to record what I see in my own way" (Nakaza), "I like to observe and register the things that surround me and that I'm part of, and sketching is a way to experience and share my appreciation of life. One of the things I like about sketching in town is the many layers present everywhere, the history and different functions inherent in the buildings and spaces, the many lives being lived each moment, intersecting with each other or passing unnoticed right under other people's noses" (Ejersbo), "Sketching is also a way to document and share our lives" (Catarino), "My memory is fixed in the pages of my sketchbooks" (Lapin), "All of my sketches have a narrative quality to them. They are fragments of stories" (Amaro), "I see the city as a scenario of human life, and that's what I try to show in my sketches" (Ruiz).*

<sup>7</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=670522163097235&set=gm.994687243984438&type=3>>

Acesso em: 01 mar. 2017.

<sup>8</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1105467856207847&set=a.108911332530176.23268.100002339298606&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

Roda de chorinho. Cheirinho de churrasco. Som de conversas e risadas. Sombra de árvore. Cervejinha gelada. Tinta e papel. Tudo isso em um só dia e lugar. Que maravilha que foi o encontro na Praça São Salvador! [...] Me fez (sic!) lembrar de quando participava do coral do colégio e aprendia a tocar flauta transversa. Que saudades!



Imagem 3: Desenho de Thaís Machado da Praça São Francisco no 40º USk Rio de Janeiro. 2016.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1105467856207847&set=a.108911332530176.23268.100002339298606&type=3>> Acesso em: 26 fev. 2017.



Imagem 4: Desenho de Fabien Denoel em bar capixaba. 2011. Disponível em:

<<http://brasil.urbansketchers.org/2011/10/cervejinha-da-quarta-feira.html>> Acesso em: 12 mar. 2017.

Alguns desenhos, além de ter um contexto de criação específico e/ou icônico, possuem neles próprios uma narrativa. É o caso dos dois exemplos seguintes. Jony Coelho (2013) relata que o coral de uma empresa de sua região fora convidado para participar da festa do vinho Goethe, famosa no sul de Santa Catarina e sua esposa, por fazer parte do grupo, fora junto. Ele indica a data e o local e desenha os pontos de comida e os pratos servidos, os cantores e instrumentistas, o “homem gordo” do posto de vendas, que também canta solo, alguns homens e uma criança, ambos de origem e

tradição italiana, além de um cartaz do evento. O segundo exemplo é de Fabien Denoel (2011), que ao desenhar um bar, cria uma sequência narrativa, percebida pelo paulista Hugo Paiva. No desenho (imagem 4), constam os frequentadores do bar, o amigo de Denoel, garçons e a banda Coletivo Canarinho, que embala o ambiente com sua música.

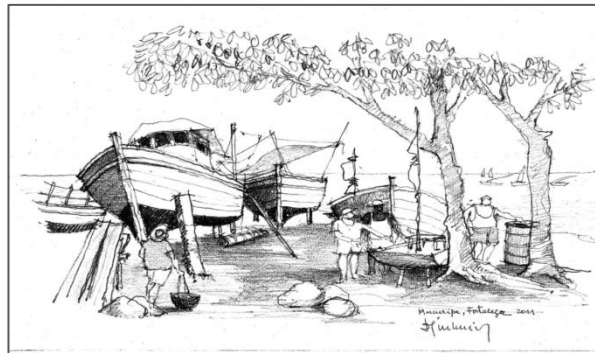


Imagem 5: Desenho de Domingos Linheiro de pescadores em Fortaleza. 2011. Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-gzcV\\_ZUN0QU/TocqnzYIKCI/AAAAAAAAACK/tF6i-Z0CQOM/s1600/Mucuripe%252C+Fortaleza.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-gzcV_ZUN0QU/TocqnzYIKCI/AAAAAAAAACK/tF6i-Z0CQOM/s1600/Mucuripe%252C+Fortaleza.jpg)> Acesso em: 13 mar. 2017.

Várias situações de rua tem sido captadas por *sketchers*. No final da Av. Beira Mar, em Fortaleza, Domingos Linheiro (2011) desenha pescadores artesanais que “fazem a manutenção de seus barcos em locais já tradicionalmente consolidados” (imagem 5). Mateus Rosada desenha a rua Jardim Heloísa, no bairro do Bixiga, São Paulo, na hora em que os meninos jogavam futebol (imagem 6). Alexander Lermen (2012b), observa sua cidade e descreve a inauguração de uma loja de bicicletas e o posterior aumento do uso destas. Em outros momento, fala sobre os carros de comida (imagem 7) e o costume das pessoas em ir a esses lugares (2012a).



Imagem 6: Desenho de Mateus Rosada em rua de São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207616699046977&set=gm.923512957768534&type=3>> Acesso em: 17 maio 2017.

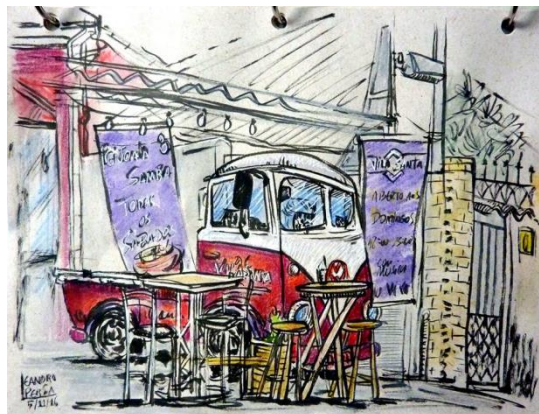


Imagem 7: Desenho de Leandro Pereira dos Santos de restaurante em Taubaté. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1128989147138686&set=gm.1115872615199233&type=3>> Acesso em: 13 mar. 2017

Ainda sobre bicicletas, Jony Coelho (2013a) relata que foi convidado para estudar o uso da bicicleta em Tubarão-SC, sua cidade, e analisou-as enquanto fez desenhos em duas importantes avenidas, percebendo como os bicicletários costumam estar nos fundos das praças, escondidos, inseguros e em mau estado de conservação. Ele também desenha o “valente cachorro” que, sempre alerta, garante a segurança numa praia próximo de sua cidade.<sup>9</sup> Camila Diógenes Vasconcelos (2017) captura no desenho o momento da pressa de um jovem que corre para alcançar um ônibus, dos mais apressados que correm atrás do tempo perdido aos mais calmos.<sup>10</sup> Dalton de Luca (2011) relata o ambiente próximo ao térreo do Edifício Itália, em São Paulo, elogiando o café e afirmando que “o mais legal é o pequeno balcão que fica de frente para a calçada” e o “sapateiro de rua que também faz concertos, fumantes de calçada, gente trabalhando pelo celular que escutamos toda a conversa, moças bonitas indo trabalhar”. Thaís Machado (2016) relata uma parada para ver uma roda de capoeira a noite, enquanto voltava pra casa: "Pouco a pouco as pessoas param seus caminhos cotidianos e param pra apreciar. O canto começa; a dança, antes devagar, acelera. Corpos giram pelo ar, na dança-luta de gingados."<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1566986660272367&set=a.1379009039070131.1073741826.100008831435115&type=3>> Acesso em: 13 mar. 2017.

<sup>10</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1390297407687230&set=gm.1196561867130307&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

<sup>11</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=975308802557087&set=a.845251672229468.1073741835.100002339298606&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

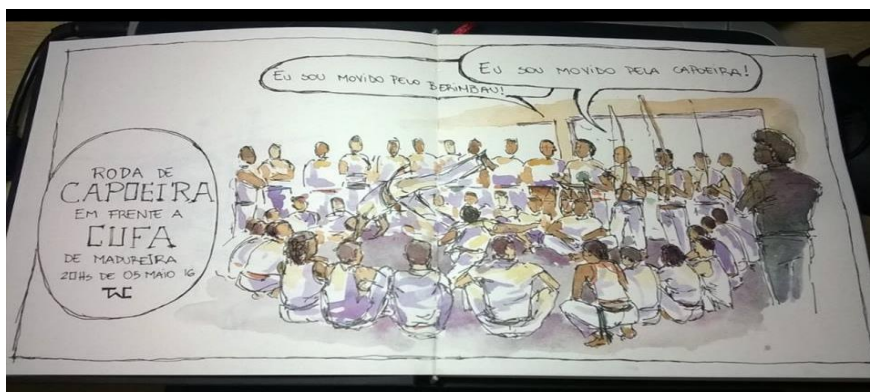


Imagem 8: Desenho de Thaís Machado em roda de capoeira. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=975308802557087&set=a.845251672229468.1073741835.100002339298606&type=3>> Acesso em: 13 mar. 2017



Imagem 9: Desenho de Eduardo Bastos no mercado público de Maceió. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205261151688194&set=gm.1031919760261186&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

Fabiano Vianna e José Marconi (2014) destacam os personagens desenhados, entre eles aqueles típicos dos centros: "senhores elegantes armados com cachimbos fumacentos, incomensuráveis guarda-chuvas, paletós quadriculados, celulares fotografáveis", assim como mãe e filha que abrigam-se nas marquises após a missa ou um passeio pela feira do Largo da Ordem, prostitutas, "vira-latas úmidos aventureiros de grandes avenidas" Flávio Ricardo (2016) desenha um vendedor de balas de coco, em São Carlos-SP.<sup>12</sup> Eduardo Bastos (2016) desenha duas vendedoras, uma de peixe e outra de inhame (imagem 9), no Mercado

<sup>12</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=756495464499904&set=gm.1159118564207971&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.



Público de Maceió.<sup>13</sup> Vladimir Munhoz (2016), também de Maceió, desenha uma vendedora de Acarajé.<sup>14</sup> Bastos também tem uma série que ele intitula “Os invisíveis” e desenha mendigos e moradores de rua (2016).<sup>15</sup> Ricardo Migliorini, de São Paulo, desenha uma pessoa que espera o trem numa noite gelada enquanto mexe no celular. Camila Diógenes Vasconcelos (2016) captura, de um mezanino do shopping, uma mulher que usa o celular sentada em um banco e fica parada por trinta minutos. André Lissonger (2016) desenha uma personagem de uma comunidade de Salvador, chamado de Pivete ou Vampiro, trabalhador e pai de família que joga dominó.<sup>16</sup> Feiras também são objetos de interesse de muitos *sketchers*. Marília Varella (2016) desenha durante um encontro do USk de São Paulo na hora do almoço na tradicional feira livre do Pacaembú: “interagindo com os feirantes , bebendo garapa e água de coco, comendo pastel”, relata.<sup>17</sup> André Lissonger (2016) desenha a Casa das Ostras, Mercado Municipal de São Paulo: “um dos meus lugares preferidos em São Paulo [...] um ótimo ponto para degustar algumas delas ou um ceviche, acompanhados de um chope.”<sup>18</sup> Joel Venceslau (2016) desenha uma feira no parque em Araraquara (imagem 10).<sup>19</sup> Ramon Correia (2016) posta um desenho feito em uma feira de arte que combinou com o 4º Encontro USk em Florianópolis.<sup>20</sup> Camila Diógenes Vasconcelos (2016) desenhou também a Feira do Guará, em Brasília: “temperos, comidas, cores e cheiros do nordeste”.<sup>21</sup>

---

<sup>13</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205261151688194&set=gm.1031919760261186&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

<sup>14</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207143366882492&set=gm.1001789679940861&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

<sup>15</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204354385299601&set=gm.922681134518383&type=3>>

<sup>16</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10210497590773313&set=gm.1070867523033076&type=3>> Acesso em: 03 mar. 2017.

<sup>17</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1202530869797897&set=pcb.1066420390144456&type=3>> Acesso em: 03 mar. 2017.

<sup>18</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211056266299852&set=gm.1128918367227991&type=3>> Acesso em: 03 mar. 2017.

<sup>19</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1081001828621170&set=gm.1024691307650698&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

<sup>20</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=894712790632590&set=gm.1018486281604534&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.

<sup>21</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1153939471323026&set=gm.968642929922203&type=3>> Acesso em: 24 abr. 2017.



Imagem 10: Desenho de Joel Venceslau em Araraquara. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1081001828621170&set=gm.1024691307650698&type=3>>  
Acesso em: 20 mai. 2017.



Imagem 11: Desenho de Camila Diógenes Vasconcelos em feira brasiliense. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1153939471323026&set=gm.968642929922203&type=3>>  
Acesso em: 20 mai. 2017.

O universo dos *Urban Sketchers* é, como pode-se perceber, bastante imenso e intenso em possibilidades e produtividade. Os compartilhamentos diários são infindáveis e mesmo o mais assíduo dos seguidores dificilmente dá conta de acompanhar. Todos os dias, centenas de memórias surgem nas plataformas virtuais, acessíveis ao mundo. O objetivo maior do movimento, "mostrar o mundo, um desenho por vez", parece ser alcançado de forma bem sucedida. Seus aspectos mnemônicos estão presentes em cada captura cotidiana, em cada pequeno ato de heroísmo moderno, para referenciar Baudelaire, em cada situação onde um *sketcher* deixa-se envolver e lançar sobre ela sua própria percepção. Assim, consolida-se um movimento que conversa com

demandas e interesses de seu tempo, em busca de capturas da vida do século XXI, constituindo um material rico para a compreensão do tecido social e sobretudo da imaginação estética de nosso tempo.

## **REFERÊNCIAS**

AZANHA, José M. P. **O estudo do cotidiano**: alguns pontos a considerar. Cadernos CERU. n. 5, s. 2, p. 32-35, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/viewFile/83297/86328>> Acesso em: 07 jul. 2017.

BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BERGER, John. **Modos de ver**. Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Edições 70, 1972.

\_\_\_\_\_. Draw to that moment. In: SAVAGE, Jim (org.). **Berger on drawing** – essays. Cork: Ireland Occasional Press, 2005. Disponível em: <<http://www.spokesmanbooks.com/Spokesman/PDF/90Berger.pdf>> Acesso em: 30 out. 2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. Tradução: Carlos F. Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

CARNEIRO, Teresa. Desenhar o olhar sobre o mundo. In: SALAVISA, Eduardo (org.). **Diários gráficos em Almada** – “Não somos desenhadores perfeitos”. Almada: Câmara Municipal/Museu da Cidade, 2011.

CLEWTON, José. Sobre o Cotidiano, na Vila de Ponta Negra (Natal/RN). **Urban Sketchers Brasil**. 2015b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/11/sobre-o-cotidianona-vila-de-ponta-negra.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

COELHO, Jony. Frente Fria. **Urban Sketchers Brasil**. 2013a. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/07/frente-fria.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Bicicletas. **Urban Sketchers Brasil**. 2013b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/09/bicicletas.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIOCIR. Conheça os correspondentes: São Paulo- SP < Diocir. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <[http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp\\_16.htm](http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp_16.htm)> Acesso em: 05 jul. 2017.

KUSCHNIR, Karina. **Ethnographic drawing**: eleven benefits of using a sketchbook for fieldwork. Visual Ethnography. Vol. 5, n. 1. 2016.p. 103-134. Disponível em: <<http://www.vejournal.org/index.php/vejournal/article/view/92>> Acesso em: 07 jul. 2017.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Trad. Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Estampa, 1979.

## ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

LERMEN, Alexander. Carros de Comida. **Urban Sketchers Brasil**. 2012a. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/04/carros-de-comida.html>> Acesso em: 19 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Bike Sketch, Londrina - PR. **Urban Sketchers Brasil**. 2012b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/11/bike-sketch-londrina-pr.html>> Acesso em: 04 jul. 2017.

LINHEIRO, Domingos. Sem título. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/10/no-final-da-av-beira-mar-em-fortaleza.html#comment-form>> Acesso em: 05 jul. 2017.

LUCA, Dalton de. Sapateiro-na-calçada. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/12/sapateiro-na-calçada.html>> Acesso em: 05 jul. 2017.

MAKOWIECKY, Sandra. **A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos**. Florianópolis: DIOESC, 2012.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

NORA, Pierre. **Les lieux du mémoire**: La Republique. Paris: Gallimard, 1984.

\_\_\_\_\_. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 07 jul. 2017.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.) Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 04 jul. 2017.

RICARDO, Flávio. Conheça os Correspondentes: Flávio Ricardo, de São Carlos – SP. **Urban Sketchers Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/11/conheca-os-correspondentes-flavio.html>> Acesso em: 30 out. 2016.

ROSENGARTEN, Ruth. Passar por aí, continuar a andar: desenho urbano em contexto. In: URBAN SKETCHERS. **Urban Sketchers em Lisboa**: desenhando a cidade. Quimera, Lisboa: 2012.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

VIANNA, Fabiano. Conheça os Correspondentes: CURITIBA -PARANÁ < Fabiano Vianna!**Urban Sketchers Brasil**. 2013. Disponível em: <[http://brasil.urbansketchers.org/2013/08/conheca-os-correspondentes-curitiba\\_28.html](http://brasil.urbansketchers.org/2013/08/conheca-os-correspondentes-curitiba_28.html)> Acesso em: 03 jul. 2017.